

**NELSON RODRIGUES VERSUS JORGE AMADO:
DONA FLOR, A ARTE DIALÉTICA E O ENGANO IDENTITÁRIO**

Yuri Brunello¹

RESUMO: Os romances *O casamento* de Nelson Rodrigues e *Dona Flor e os seus dois maridos* de Jorge Amado foram publicados em 1966, dois anos depois do golpe militar. O primeiro texto enfrenta a questão da malandragem, segundo uma perspectiva (a da afirmação da identidade negra, da identidade da mulher, da baianidade, etc.) em aparência progressiva, mas na substância conjugada em uma direção, no contexto da ditadura militar brasileira, instrumental ao desenho cultural promovido pela elite brasileira. *O casamento* enfrenta a mesma questão, mas dessa vez da malandragem são exibidas as “chagas”: de fato, ao centro da cena está o lado podre da malandragem, representada como paródia grotesca da identidade brasileira. Não é por acaso que o romance do “reacionário” Rodrigues foi censurado pelo regime militar e *Dona Flor* do progressista Amado tornou-se um grande sucesso “identitário”.

Palavras-chave: Dialética; Identidade; Revolução; Reação; Ditadura.

ABSTRACT: The novel *O casamento* of Nelson Rodrigues and the novel *Dona Flor e os seus dois maridos* of Jorge Amado were published in 1966, two years after the military coup. The first text faces the problem of the “malandragem” in a perspective – that of the affirmation of the black identity, of the woman’s identity, of the “baianidade” – apparently progressive, but in the essence turned in a direction, in the context of the Brazilian military Dictatorship, functional to the cultural plane of the Brazilian elite. *O casamento* faces the same problem, but this time the novel shows the sores of the “malandragem”: in fact, the bad side of the “malandragem” remains in the center of the stage, represented as grotesque parody of the Brazilian identity. It is not a case that the military regime censored the novel of the “reactionary” Rodrigues and *Dona Flor* of the progressive Amado was a big “identitary” success.

Keywords: Dialectics; Identity; Revolution; Reaction; Dictatorship.

Nelson Rodrigues apoiou a ditadura desde o seu princípio em 1964. Jorge Amado, ao contrário, é considerado um autor "de esquerda": condenado ao exílio, militou nas fileiras do Partido Comunista Brasileiro, pagou pessoalmente pela própria atividade em favor do socialismo. Há, todavia, um episódio, um fato aparentemente paradoxal, diante do qual este quadro tão simples – de um lado o reacionário cúmplice dos malfeitos de um inaceitável e criminoso despotismo e do outro o comunista empenhado na luta pelo triunfo da justiça e igualdade – esfacela-se.

1966. Quase contemporaneamente são lançados no mercado dois livros: *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado e *O casamento* de Nelson Rodrigues. Ambas

¹ Doutor em Artes e Ciências do Espetáculo da Universidade de Roma – La Sapienza. Professor da Universidade Federal do Ceará.

as obras disputam o primeiro lugar na classificação dos livros mais vendidos. Até o momento em que um dos volumes foi censurado pela ditadura militar. Trata-se, após a instauração do governo militar no Brasil, do primeiro romance proibido pelo regime. Seria *Dona Flor* do iluminado Amado? Absolutamente não: a surpreender-se com a boca envolta pela mordança da censura está o próprio "fascista" Rodrigues, por causa do seu *O casamento*. Mas como uma ditadura condena ao silêncio um dos intelectuais que a sustentava de espada em punho? E com que motivação o governo militar de Castello Branco proibiu sua difusão, impondo-lhe a retirada do comércio? Atentado «contra a organização da família», «subversão», «torpeza das cenas descritas e linguagem indecorosa». Contudo, o romance *Dona Flor* também pode ser lido como um enredo que questiona a organização tradicional da família, coincidindo a harmonia conjugal com a celebração da estrutura, tradicionalmente anti-burguesa, do triângulo esposa, marido e amante. Mas é sobre Rodrigues que a lâmina se abate. O que se esconde por trás deste estranho contra-senso?

Amado ou do marxismo fracassado

A fim de compreender melhor o andamento dos fatos, propõe-se retornar de 1966 para os dias atuais. Ano passado, a revista "Latinoamerica", dirigida por Gianni Minà, republicou um escrito de Amado, *Cuba nella tormenta della Perestrojka*, originariamente utilizado pelo mesmo Minà como prefácio do próprio texto intitulado *Fidel*, e publicado por Sperling & Kupfer em 1990. Trata-se de uma intervenção utilíssima que esclarece detalhes e contornos da operação ideológica e cultural que o romance *Dona Flor*, como também muitas outras produções amadianas, constituiu. O presente trabalho limita-se a duas citações emblemáticas. A primeira. Escreve Amado, a propósito de Cuba e do socialismo: "Gosto de acreditar que à ideologia adotada se devam principalmente os erros, os desequilíbrios, as cretinices, as limitações da Revolução Cubana, e que os sucessos, os êxitos, as vitórias, sejam devidos ao patriotismo, ao humanismo dos rapazes que conquistaram o poder descendo da Sierra Maestra"². A segunda: "Nunca li os grandes da filosofia e da economia marxista, e não os li por preguiça e por ignorância, assim como não li os pequenos medíocres discípulos nacionais, não perdi tempo com eles; ganhou tempo, alegria, experiência e emoção quem, ao invés de ler todos aqueles teóricos, leu os grandes escritores, os romancistas,

² J. Amado, *Cuba nella tormenta della Perestrojka*, in «Latinoamerica», n. 100, julho-agosto-setembro 2007, p. 139. A tradução, dessa e das outras citações italianas, é nossa.

os poetas”³. Que Amado atribua todas as insuficiências de Cuba à ideologia marxista, para logo após admitir não conhecer de maneira aprofundada o pensamento de Marx, Engels e Lenin, é notavelmente absurdo e ilógico. Entretanto existe mais. Amado ressalta o patriotismo que guiou a revolução cubana, atribuindo-lhe o que de bom foi realizado em Cuba. É exatamente aqui que se encontra a questão nodal.

Foi de fato a cubanidade que salvou Cuba do desastre por décadas? Amado parece convencido disso: é de Cuba, da sua história, da sua cultura que a libertação «humanista» liderou o movimento, vitoriosamente. Ter posto um fim ao domínio norte-americano sobre a ilha caribenha foi o grande mérito de Castro e Che Guevara. O erro dos rapazes que conquistaram o poder descendo da Sierra Maestra foi, ao contrário, se se segue o raciocínio de Amado, o de não ter se apoiado totalmente sobre a cubanidade, mas de ter manipulado a tensão identitária com o marxismo, com a construção de uma sociedade sem classes. Mas qual é a culpa do marxismo? Por que uma filosofia que se propõe como finalidade a libertação da humanidade é responsável, a nível antes de tudo conceitual e teórico, por tantos atos nefandos?

O delito com o qual o marxismo, segundo o ponto de vista contido nas afirmações de Amado, se corrompe é o de dividir, mais que o de unir. Diversamente da identidade que agrega: sob a bandeira de uma nação podem de fato reunir-se, e sentir-se irmãos, indivíduos pertencentes a todas as classes sociais. As contradições se dissolvem e cada um se identifica no valor comum do "sangue", das raízes geográficas compartilhadas. A visão do mundo expressa pelo marxismo, ao contrário, parte do pressuposto que a natureza de cada ser humano, sob o capitalismo, é caótica, dividida, dilacerada. A personalidade do trabalhador assalariado, por exemplo, está frequentemente dividida entre senso comum, ideologia dominante e submissão econômica e social. A conciliação, pensa Marx assim como os filósofos marxistas que o sucederam, é possível apenas dentro de um modo de produção diverso. Nada a ver com a ideologia identitária, aquela que fala através de Amado e que atinge o caminho oposto: ser rico ou pobre não importa, o que conta é ter nascido e viver em Cuba e agir para o bem da coletividade. O que significa lutar pelo bem da totalidade dos cubanos, sem distinção de classe. Como se os interesses de um mendicante de Cuba, antes do assalto ao céu tentado pelos *barbudos*, coincidissem com os de um proprietário de terra cubano. Como se o problema da Cuba pré-revolucionária fosse apenas a ingerência

³ Ivi, p. 138.

estadunidense e não também a extração de mais-valia ou a submissão de muitos cubanos ao poder de outros poucos cubanos.

Pensar que o humanismo consiga conviver com o patriotismo é uma contradição inequívoca. Dividir humanismo e marxismo constitui uma antinomia absurda. Podem princípios como a igualdade, a justiça, a solidariedade e a liberdade conquistar pleno significado, se ancorados ao local, se vinculados ao particular, isto é se esvaziados de universalidade? Em um mundo dividido entre países socialistas e países capitalistas seria possível a harmonia, a coincidência de necessidade e liberdade? Claro que não, se do ponto de vista econômico, cultural e, às vezes, também militar o estado de guerra e o alerta são permanentes. É por esta razão que a motivação à libertação das cadeias da opressão e exploração só pode ter um sopro internacionalista.

Não apenas. Valores como a igualdade, a justiça, a solidariedade, a liberdade têm efeito real, segundo os sistemas nos quais se englobam: dentro da sociedade capitalista se manifestam de um modo e dentro da socialista se exprimem de forma totalmente diferente. Em uma sociedade dividida em classes é bem mais provável que a solidariedade se concretize no modo do assistencialismo, do subsídio "do alto", da beneficência: na sociedade sem classes é mais fácil, ao contrário, encontra os canais da cooperação e do enriquecimento mútuo. O Humanismo forjado no interior de uma realidade marcada pela divisão de classes não pode não mostrar as chagas da não-organicidade e da contradição. Ao contrário, o humanismo nascido no seio do socialismo é o do novo homem, liberto. O que não tem relação com o conceito de humanidade que permeava o homem prisioneiro das cadeias do capital.

Uma identidade em mutação: Dona Flor

Dona Flor se configura como um formidável testemunho de celebração identitária. O romance inicia-se com a morte de Vadinho, um mulhereço, jogador de azar e viciado em álcool que morre subitamente em uma rua da cidade de Salvador em pleno carnaval. Sua esposa, Dona Flor, fica viúva. O amor que ela sente por Vadinho é grande, embora ele sempre a tenha enganado e extorquido dinheiro para levar uma vida de boêmio. Na parte inicial da obra são narrados os excessos de Vadinho. A segunda parte é centrada em Dona Flor. É descrito seu trabalho como professora de culinária, atividade que desenvolve em uma escola de sua propriedade. Além disso, narra-se a forte nostalgia que sente por Vadinho, amante extraordinário. Morto o marido, Dona Flor é cortejada por um farmacêutico pacato e religioso, doutor Teodoro.

E os dois terminam por casar-se. Mas, de idade um pouco avançada e mentalidade conservadora, Teodoro não consegue satisfazer sexualmente Dona Flor, que sempre se recorda de Vadinho saudosamente. Na terceira parte do livro, o espírito de Vadinho retorna à terra e atormenta sua ex-esposa. Apenas ela o vê e ele demonstra ser capaz de realizar as suas fantasias eróticas. Dona Flor não sabe se se mantém fiel ao novo marido ou cede ao espírito do primeiro esposo. No final, Dona Flor decide conviver com os dois: o espírito do primeiro marido e o corpo do novo. A obra se conclui com uma imagem harmônica: Dona Flor passeia em uma manhã serena, “feliz da sua vida, satisfeita com seus dois amores”⁴.

Interessado em desvelar a estratégia identitária, resolvida por Amado no sentido da baianidade, o antropólogo Roberto Da Matta revelou algumas considerações preciosas a esse respeito, sobretudo quando se foca sobre o que tem sido recentemente analisado neste ensaio acerca dos conceitos de patriotismo, marxismo e humanismo. Da Matta considera *Dona Flor* uma obra de marcados desdobramentos políticos:

Dona Flor é a ponte entre dois modos de vida. De um lado, o estilo burguês, econômico, comedido e paulificante do Dr. Teodoro; do outro, o modo carnalizado de viver de Vadinho, o "vadio" que leva a vida dissolvido em relações sociais e em nenhum momento agenda a sua existência pelo código individualista que toma o espaço interior como mais importante do que o espaço exterior, dos laços sociais⁵.

Dona Flor, portanto, se delineia como “o ponto de encontro entre estilos de vida, ideologias e visões do mundo. Como tal, ela é a encarnação ficcional da ideologia positiva da mestiçagem [...] No plano ideológico, Dona Flor é uma construção originalíssima da ambiguidade e do hibridismo como valores sociais”⁶. A protagonista da criação de Amado, de fato, inaugura, a respeito da tradição dualística aristotélico-cartesiana do Ocidente, “uma alternativa mais ajustada a um mundo globalizado”⁷. Chega-se a um ponto conceitual determinante: no personagem de Dona Flor se encontram dois pontos de vista contrastantes que se cruzam e se sobrepõem. Como resultado observa-se que realidades a primeira vista inconciliáveis se inserem perfeitamente uma na outra, assumindo as formas, a carne, os trejeitos sensuais e o

⁴ J. Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*, São Paulo, Martins, 1970, p. 534.

⁵ R. DaMatta, *Do país do carnaval à carnalização: o escritor e os seus dois brasis*, in AA. VV., *Cadernos de literatura brasileira. Jorge Amado*, São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1997, p. 132.

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*.

sorriso da protagonista. A síntese entre conservadorismo e libertinagem é perfeita. A leitura que DaMatta fornece, em consonância com muitos outros exegetas pós-modernos de Amado, surge tão hábil quanto insidiosa. Os perigos que contém emergem com maior nitidez, quando se relaciona o que foi citado até aqui com o trecho que se segue: “Se a visão tradicional sempre contrastou e tornou incompatíveis essas figuras, colocando o *malandro* contra o caixas e a modernidade contra o carnaval, o estilo carnalizado de Dona Flor apresenta uma possibilidade de síntese”⁸.

Evocando a síntese, não se pode não recordar o processo dialético. E, encaminhando-o na mesma estrada desbravada por DaMatta, é inevitável deter-se sobre o que precede a síntese, vale dizer a tese e a antítese. No livro de Amado a tese, ou a situação de partida do romance, é o carnaval, a recorrência na qual a identidade, neste caso do Estado da Bahia, se manifesta com maior força. A baianidade é a cultura dominante. Vadinho encarna todo o valor hedonista, bucólico e individualista dessa configuração cultural, incorporando os elementos da preguiça, da exuberância física, da dança, da música e da sensualidade: componentes que ainda hoje participam do quadro identitário baiano, mesmo se este último se apresenta, em época pós-moderna, em uma versão em parte modificada, reformulada em seguida ao processo urbano-industrial vivido por Salvador na segunda metade do século XX⁹.

A tese é, portanto, a seguinte. A antítese é, pelo contrário, Dona Flor. A protagonista da obra está inserida no contexto cultural da Bahia, com ele compartilhando alguns valores e formas (não é por acaso que ela ganha a vida ensinando a cozinhar segundo a tradição gastronômica de Salvador), mas possui também ideais próprios, que não coadunam completamente com os de Vadinho. Dona Flor ama e respeita o esposo, confia na honestidade e na justiça, crê na solidariedade. Resultando, todavia, impossível compartilhar com o marido destes valores, o seu destino é o sofrimento nos momentos em que é privada da sensualidade de Vadinho, pela qual se sente irracionalmente atraída. É a dor de quem é enganada, de que vê ser subtraído o dinheiro ganho com o próprio trabalho por um homem preguiçoso, por quem é traída, de que se sente trocada pelo álcool e pela ociosidade. Na cultura de Vadinho há o peso significativo do elemento da *malandragem*, ou seja, do oportunismo e do logro, da mentira e do egoísmo desenfreado. Dona Flor é generosa e correta.

⁸ R. DaMatta, *Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e os seus dois brasis*, cit., p. 134.

⁹ Cfr. L. Nova-T. Fernandes, *Baianidade*, in *Mais definições em trânsito*, CD-ROM organizado por M. C. Almeida, Salvador, Ufba, 2007.

Vadinho não. E é por isso que os valores da protagonista se chocam com alguns traços decisivos da personalidade do marido, perfeitamente à vontade dentro da cultura dominante. Inicia-se aqui o sofrimento. Inicia-se aqui a síntese.

Na tradição hegeliano-marxista não existe apenas uma concepção de síntese, mas várias. Embora não o declare explicitamente, quando DaMatta fala de síntese, tem em mente um procedimento do tipo idealístico-hegeliano. Para usar as palavras do filósofo Giuseppe Prestipino, esse gênero de processo dialético se baseia na “reabsorção de parte da ‘antítese’ na ‘tese’”¹⁰. E o que da antítese está englobado na tese? Amado fornece a esse respeito, vulto e nome: trata-se do doutor Teodoro. Da retidão de Dona Flor, Teodoro se configura como o duplo, a personificação masculina. A aparição do farmacêutico no romance assinala um desvio determinante. É o momento em que a protagonista começa a se distanciar dos valores universais que a haviam conduzido até aquele instante. No momento em que Dona Flor se identifica com Teodoro, encontrando no farmacêutico a materialização quintessenciada dos ideais que haviam orientado sua conduta até então, começa a perder a própria pureza e a intensificar o lado sensual da sua natureza íntima. O fato de Teodoro ser um homem evidencia de forma ainda mais insistente a perda da inocência de Dona Flor: não apenas os valores nos quais a protagonista acreditava se transferem de um indivíduo a outro, mas este último, Teodoro, além de um ser humano diferente, pertence também a um gênero diverso.

A entrada em cena de Teodoro coincide com o momento em que a sensualidade de Dona Flor confunde-se, dissolve-se, mescla-se com a sensualidade culturalmente hegemônica na cidade de Salvador. A identidade da protagonista se transforma. Eis então que a heroína de Amado começa a mentir, a ocultar, a esconder a verdade do seu novo marido: não lhe revela que a sua felicidade depende também, e sobretudo, de uma traição contínua, consumada de forma obsessiva com o espírito do ex-marido. Morto Vadinho e Teodoro em sua vida, Dona Flor utiliza com este último as mesmas armas empregadas contra ela pelo primeiro esposo: a mentira, a dissimulação, a procura pela estabilidade econômica em detrimento de uma conduta moralmente imaculada.

O que parece interessante no escrito de Da Matta é, segundo o que se pode notar pouco acima, que este autor interpreta a metamorfose de Dona Flor através de uma visão também política. DaMatta se diz um progressista, como em outras circunstâncias

¹⁰ G. Prestipino, *Tradire Gramsci*, Milano, Teti, 2000, p. 121.

Jorge Amado frequentemente fazia. Estendendo o olhar da Salvador da ficção literária ao Brasil contemporâneo, escreve Da Matta na conclusão do seu ensaio:

Alcançaremos a felicidade e a sabedoria de Dona Flor no dia em que a nossa imagem carnavalesca corresponder a uma prática menos arrogante e mais igualitária como Estado-nacional. Quando finalmente somaremos aos ideais burgueses da liberdade, da fraternidade e, sobretudo, da igualdade, com o nosso criativo hibridismo institucional, acreditando— como parece ser no caso de Jorge Amado — piamente nos dois¹¹.

Reestruturar a identidade quer dizer, portanto, inserir uma inovação dentro da tradição, cujos ideais não por acaso Da Matta define como «burgueses». A tradição à qual Da Matta faz referência, a baianidade, apresenta de fato muitas afinidade com a cultura burguesa, sendo fundada, como esta, sobre o individualismo, sobre a ética narcisística do efêmero, do *carpe diem*. O que os intérpretes pós-modernos de Amado, como Da Matta, esquecem confrontando-se com *Dona Flor* é que a renovação da identidade não constitui um progresso autêntico. O progresso em Amado, ideologicamente falando, se refere à forma da cultura, mas a essência não a atinge nem mesmo brandamente. É o progresso do novo. No entanto, trata-se de novidades que, embora modifiquem em parte a tradição, não fazem mais que perpetuá-la. A cultura predominante continua a ser estruturada e compactada pelos mesmos grupos sociais. As relações de força permanecem quase as mesmas: as inovações são permitidas e perseguidas pela própria cultura hegemônica para poder permanecer como tal. Não é por acaso que seja o próprio Vadinho a reaparecer a Dona Flor, a desejar a ex-esposa, a insistir para que o adultério tenha lugar à revelia do farmacêutico, para torná-la conivente com a visão de mundo por ele defendida: é de Vadinho, da cultura dominante que parte o processo de reconfiguração da identidade.

As classes dirigentes, em suma, reencontram na antítese um instrumento de reforço da própria posição de domínio e para trocar de pele. Não se trata de um progresso real no plano da cultura e da sociedade, mas de uma restauração. O enredo gerado na mente de Amado testemunha com límpida e impudente candura como a cultura dominante tem a necessidade de fazer concessões ao mundo antagonista para perpetuar-se e reforçar-se. Dona Flor é feliz no momento em que consegue tornar-se Vadinho, no momento em que lhe é possível superar o limite extremo da *malandragem*,

¹¹ R. DaMatta, *Do país do carnaval à carnavalização: o escritor e os seus dois brasis*, cit., p. 135.

sem, contudo perder-se na desordem da devassidão. A protagonista da obra aceita a cultura hegemônica e esta, em troca, absorve parte da visão de mundo de Dona Flor: a vocação para a ordem, para a probidade, para a lealdade, também de um ponto de vista moral. Absorve-a, mas a torna funcional ao próprio sistema ideológico, ou seja, à baianidade. A presença de Teodoro serve para impedir que o caos, no qual Dona Flor mergulha sempre mais, se traduza em destruição. A *malandragem* se institucionaliza, para que não possa ser traída e, então, destruída. Eis como a lealdade à qual a protagonista era intimamente ligada, quando casada com Vadinho, vem instrumentalizada e reconfigurada. Amado tece, sim, o elogio da fidelidade, mas uma fidelidade um pouco anômala: a do adultério e da injustiça.

Se a identidade de Dona Flor aparece em trânsito perpétuo resultando mestiça, híbrida e em contínua transformação, a intensa vitalidade desse nietzscheano contínuo devir, dessa identidade continuamente renovada, acaba por envolver em uma cortina de fumaça, ocultando-o, um componente que se encontra constante da primeira à última linha do romance: a iniquidade. Inicialmente Dona Flor a suporta, enquanto que no final Teodoro submete-se a ela. É exatamente sobre o que se dizia antes: a cultura dominante modifica-se na forma, se reconstitui englobando novos sujeitos e abrindo-se a pontos de vista diversos, mas sem abdicar da própria essência profunda, vale dizer a injustiça e a exploração. Entende-se porque a Amado agrada o patriotismo de Castro, mas não uma filosofia como a marxista que coloca no centro da própria inspiração teórica a luta de classes, isto é exatamente a luta contra sociedades e culturas baseadas na injustiça e na exploração praticadas por alguns homens em detrimento de outros. *Dona Flor* ilustra muito bem o valor reacionário do hibridismo identitário que coloca em primeiro plano a cultura preterindo as questões ligadas à classe.

Não é por acaso que Da Matta, abordando a síntese na qual Dona Flor aporta no final, tenha evocado a globalização, isto é uma dinâmica de submissão planetária ao capitalismo produtivo e financeiro; que abre brechas à cultura antagonista, mas colhendo dela apenas alguns aspectos e de forma tal a torná-los úteis ao próprio projeto de sociedade. No reino de Vadinho os nobres ideais de Dona Flor que são pedras no caminho do sistema hegemônico se transformam em pilastras da ideologia dominante, que reabsorve elementos da antítese, mas torna-os inócuos. Os paliativos populistas praticados pelos governos da pseudo-esquerda brasileira destes últimos anos são filhos da astúcia de tantos Vadinho (e de tantas Dona Flor) que administraram as políticas sociais, econômicas e culturais do Brasil. Existem Vadinho e sua consorte atrás da falsa

tolerância multicultural do Brasil contemporâneo. Existem várias Dona Flor e Vadinho atrás de um assistencialismo que garante a sobrevivência na miséria de milhões de pobres que afundam no desespero, mas se observa bem a garantir uma libertação autêntica, diversa daquela sedativa, do carnaval, do futebol, do álcool e do sexo fácil. E com a concordância dos críticos pós-modernos que não sabem ou não querem reconhecer qual é o verdadeiro preço do identitarismo e do culturalismo.

Rodrigues, a identidade como antítese.

O casamento de Rodrigues se conclui do mesmo modo como em *Dona Flor*. O protagonista está feliz. Estas últimas três frases: “Alguém puxou uma cadeira para Sabino. Sentou-se. Era feliz”¹². A modificar-se, em relação a Amado, está, no entanto, a natureza profunda desta felicidade. Percorrendo os principais acontecimentos do romance será mais simples entender as razões disso.

A ação se desenvolve no Rio de Janeiro e tem lugar quase inteiramente na véspera do casamento de Glorinha, filha de Sabino, com Teófilo. Para a belíssima Glorinha, Sabino, que a considera o próprio símbolo da pureza, prepara um futuro de absoluta felicidade, livre de cada tipo de preocupação, sobretudo econômica. Sabino presenteou a jovem com um esplêndido apartamento e se prepara para dar a Teófilo, como dote, um cheque de cinco milhões. Para enturvar esta alegre perspectiva está o ginecologista de Glorinha, o doutor Camarinha, que confia a Sabino ter surpreendido Teófilo beijando na boca Zé Honório, um assistente no consultório de ginecologia. Sabino se desconcerta e não sabe se acredita no que lhe foi revelado sobre a homossexualidade do futuro genro.

Dirige-se então, com o objetivo de receber uma opinião confiável sobre o acontecido, a monsenhor Bernardo, uma espécie de consulente espiritual muito culto, um douto teólogo atraído, no entanto, por situações marcadas pela licenciosidade e pelo vício: é um fumante compulsivo, que não se cansa de pedir um cigarro após outro a Sabino e conversa prazerosamente e com uma desenvoltura totalmente destituída de inibições sobre argumentos picantes e escandalosos. O monsenhor, no dia seguinte, deverá fazer um discurso na ocasião das núpcias de Glorinha. Embora determinado, Sabino, em conversa particular com o prelado no banheiro, lugar em que o padre revela sentir-se mais próximo de Deus, não encontra a coragem para confessar a pederastia de

¹² N. Rodrigues, *O casamento*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 256.

Teófilo. O monsenhor, no entanto, lhe comunica uma decisão – as núpcias não deverão ser jamais suspensas nem anuladas – Sabino decide conformar-se escrupulosamente.

O doutor Camarinha, ao mesmo tempo, decide manter Glorinha à parte do que descobriu sobre Teófilo. Entretanto o próprio médico fica atônito quando recebe de Glorinha uma revelação inesperada: a jovem não é mais virgem e quem a deflorou foi Antônio Carlos, filho do mesmo Camarinha.

Antônio Carlos, que morrerá em um acidente de carro perto das núpcias de Glorinha, era um temerário Dom Juan carioca, um casanova cínico e perverso que no último aniversário de Glorinha – trata-se de cenas evocadas em uma espécie de *playback* narrativo – levou-a junto com a própria namorada ao apartamento em que Zé Honório morava com o velho pai paralítico. Antônio Carlos e Zé Honório haviam arquitetado um sádico plano: constranger o velho a assistir à cópula do filho com um mulato na presença das duas jovens moças. Zé Honório queria vingar-se porque desde menino foi submetido a terríveis punições do pai que reprimia a própria homossexualidade.

O plano dá certo, tudo ocorre como previsto. O mulato é um jovem que faz parte de uma escola de samba da cidade. Quando a atmosfera se carrega de ambiguidade e perversão, Antônio Carlos aproveita para forçar a namorada a possuir Glorinha, para depois tomar seu lugar e deflorar a jovem. A iniciação sexual de Glorinha, vivenciada através do lesbianismo e o amor a três, vem acompanhada de um macabro episódio. O sambista mulato e Zé Honório irrompem no quarto em que ocorre a febricitante orgia de Antônio Carlos. Zé Honório está aterrorizado e desesperado porque a vingança foi além do planejado. O pai não resiste à provocação do filho e morre.

A este salto no passado se entrelaça outra história: o adultério de Sabino com a própria secretária, Noêmia. Uma traição durante a qual a mulher descobrirá o protagonista do livro incestuosamente atraído por Glorinha: Sabino, de fato, chamará a amante pelo nome da filha em lapsos involuntários. Noêmia pagará o preço pela traição: será assassinada pelo noivo.

A atração incestuosa de Sabino por Glorinha se manifestará abertamente no fim do romance. Quando Glorinha convidar o pai para um passeio na praia para escutar a história do amor por Antônio Carlos, Sabino a beijará incapaz de controlar-se. Glorinha foge aterrorizada. No retorno para casa, ainda perturbado pelo que aconteceu, Sabino é procurado pelo Monsenhor Bernardo, que o informa da decisão de não discursar no dia seguinte: “O discurso que eu fizesse», explica o monsenhor, «seria

incendiário, subversivo”¹³. E continua: “Quer saber o que eu diria, se falasse amanhã? Diria que todos nós devemos assumir a nossa miserabilidade. Entende? O homem e a mulher devem juntar as próprias chagas”¹⁴. “Ouviu, Sabino? Tem sentido mandar os noivos juntar as chagas? Os dois só estão pensando no coito de logo mais. E eu a falar em ferida, em lepra? É possível? Não”¹⁵.

Impressionado com essas palavras e vindo a saber do homicídio da própria secretária, Sabino aproveita para entregar-se à polícia, acusando-se – mesmo sendo inocente – do crime. Diante do comissário, pronto para ser interrogado, Sabino se sente finalmente feliz.

Raul Mordenti recentemente lembrou como a concepção da síntese na dialética marxiana, revolucionária, diverge drasticamente daquela, reacionária, hegeliana: “Também a revolução, como a restauração, suprime/conserva o elemento oposto, o absorve, mas a uma ‘direção revirada’, a síntese é reabsorção da tese na antítese, e não vice-versa”¹⁶. O elemento dominante, em suma, não é mais a tese, mas a antítese, que ao fim triunfa, distorcendo elementos da tese segundo as próprias necessidades. Não escapa, no resumo anteriormente feito do romance de Rodrigues, a relevância atribuída a Sabino, isto é ao protagonista da obra, que se delineia precisamente como antítese em relação à estrutura econômica, social, ideológica do ambiente no qual é obrigado a viver. Sabino é parte de uma realidade burguesa. É diretor-presidente de uma sociedade imobiliária, é rico, não possui nenhuma dificuldade econômica: é um burguês de sucesso. É o pai de Glorinha, cujo objetivo era fazer dela uma moça pura e sem pecado. A ideologia que abraça com convicção é, sem dúvida, a burguesa, da qual é parte integrante.

Sabino, todavia é obrigado, como a maior parte dos personagens do livro, a reprimir os impulsos mais íntimos. E é aqui que nasce a cisão, a incomunicabilidade entre a ideologia pela qual Sabino se deixa guiar e as próprias necessidades mais secretas. A insuportabilidade e a inautenticidade da existência burguesa é testemunhada pela proliferação de duplos, de representações de uma vida que os personagens queriam viver, mas não podem por causa do seu papel dentro da sociedade: Noêmia é o duplo erótico de Glorinha, criado por Sabino para iludir-se de ter relações sexuais com a filha,

¹³ Ivi, p. 248.

¹⁴ Ivi, p. 249.

¹⁵ Ivi, p. 250.

¹⁶ R. Mordenti, *Gramsci e la rivoluzione necessaria*, Roma, Editori Riuniti, 2007, p. 67.

Glorinha, por sua vez, não ama o próprio noivo, mas o esposa igualmente, criando através dele um tipo de cópia imaginária de Antônio Carlos; o mulato com quem Zé Honório tem uma relação sexual na presença do pai é a síntese de todos os homens que Zé Honório não pode ter por causa da repressiva educação paterna.

A realidade de *O casamento* é uma realidade de ilusões e mentiras. A diferença com *Dona Flor* é abissal. Se no livro de Amado a farsa coincide com o final feliz, no texto de Rodrigues a fraude é a bactéria que corrompe qualquer possibilidade de prazer, é o câncer que sufoca cada pulsação autêntica de vida. Sabino constitui a perfeita encarnação do homem dividido e dilacerado que o marxismo identifica no ser humano submetido ao domínio do modo de produção capitalista. E não existe nenhuma tradição a que agarrar-se a fim de não precipitar-se no magma de uma realidade destituída de sentido.

A única solução possível é a indicada por Monsenhor Bernardo, homem de igreja não por acaso, por sua vez, perdido no aviltamento da perversidade: «juntar as próprias chagas». Como todavia o mesmo prelado reconhece um símile ato «subversivo» é impossível: o individualismo, neste caso dos esposos a quem as palavras se referem, é tão exasperado que os dois «só estão pensando no coito de logo mais». Enquanto o sexo para Dona Flor é um ato libertador, para os personagens de *O casamento* é uma das tantas cadeias que condena cada um à dor perpétua. Dona Flor encontra na tradição baiana, sendo professora da culinária local, uma fonte de significado: Sabino é condenado, pela tradição a que pertence, a viver na vergonha, para iludir-se de dar um sentido qualquer à própria cotidianidade: a procura desesperada de adequar o próprio modo de viver aos ideais burgueses como aqueles da unidade familiar, da religiosidade, da pureza é o que pareceria oxigenar um pouco uma existência diversamente irrespirável.

Todavia Sabino conhece a felicidade autêntica apenas no final, quando rompe com a tradição burguesa e prefere a reclusão, opta por expor as suas chagas, a sua culpa à luz da própria consciência e da dos outros. À tese da hipocrisia burguesa Sabino replica com a antítese da utopia. À negociação, à conciliação da tradição e modernidade que Dona Flor coloca em prática, Sabino opõe o conflito, o ataque frontal: o protagonista da obra de Rodrigues escolhe abrir-se a outra tradição, de nenhuma maneira ligada ao passado. A antítese à qual Sabino dá corpo é a que precede a síntese. O personagem de Rodrigues expõe as próprias vísceras ulceradas sobre a mesa, coloca sal sobre as feridas, para que outros também o façam, de modo que seja possível “unir

as próprias chagas”, fundando uma identidade nova, purificada dos miasmas do antigo. Só assim se poderá alcançar uma nova sociedade, um novo homem, uma humanidade liberta.

Nenhuma hibridação, em suma. Nenhum compromisso com valores reconduzíveis à órbita da simulação ilusória da exploração. Nenhuma tentativa de ocultar a laceração de um mundo assinalado pelo marco da alienação. Diversamente, optando pelo caminho da identidade negociada, se arrisca aparecer inócuo também aos olhos das ditaduras mais desapietadas, aos olhos dos Castello Branco de plantão, que da contaminação entre tradição e inovação – Antonio Gramsci definiu esta última dinâmica como revolução passiva – se nutrem constantemente.

Recebido em 29 de janeiro de 2013

Aprovado em 30 de abril de 2013